

# A “tomada da palavra” segundo Michel de Certeau: ecos, pertinência e atualidade na sociedade e na Igreja latino-americana<sup>1</sup>

*The “Taking of the Word” according to Michel de Certeau: echoes, Pertinence and Actuality in Society and in the Latin American Church*

*Geraldo Luiz De Mori  
Virgínia Albuquerque de Castro Buarque*

## Resumo

Depois de mais de 50 anos, “Maio de 68” figura ainda como um evento político-cultural de “tomada da palavra” que perdura, suscitando expectativas de transformações na sociedade e nas igrejas cristãs, contrapondo-se ao giro neoliberal/conservador que, já instituído na década de 70, hoje afirma-se como majoritário. Nesta perspectiva, os escritos de Michel de Certeau, publicados no “calor” do evento, são uma fonte privilegiada de interpretação. Para o historiador e teólogo jesuíta, “Maio de 68” foi uma “revolução cultural” e, mais ainda, uma “revolução do crer”, capaz de provocar brechas de sentido e ação. A primeira parte deste estudo retoma a leitura de “Maio de 68” proposta por Certeau: a crise de representações no imaginário contemporâneo, a “tomada da palavra” pelo viés das intersubjetividades e do cotidiano, a “mística” como metáfora do vivido em 68. A segunda parte aborda, à luz da categoria interpretativa

<sup>1</sup> Texto escrito em conjunto, embora a primeira parte, tenha sido elaborada, em grande parte, por Virgínia Buarque, e a segunda, por Geraldo De Mori, no contexto dos debates ao redor dos 50 anos de Maio de 68 e de Medellín.

do jesuíta francês, as inter-relações de Maio de 68 com o catolicismo, especificamente o que emergiu na América Latina a partir da Conferência de Medellín (1968). Finalizando esta parte, o texto mostra a pertinência e atualidade da leitura de Certeau para entender muitas “tomadas da palavra” ocorridas nos últimos anos, nas “jornadas de junho de 2013”, no Brasil, nas manifestações feitas no Chile e na Bolívia em 2019.

**Palavras-chave:** Maio de 68. “Tomada da palavra”. Michel de Certeau. América Latina.

## **Abstract**

Even after more than 50 years, May of 1968 still figures as a political-cultural event which endures. The “taking of the word” raises expectations of a transformation in both society and Christian Churches that is in opposition to the neoliberal/conservative turn established in the 70’s which currently asserts itself as normative. In light of this, Michel de Certeau’s writings, published in the “heat” of the event, are a privileged source of interpretation. Certeau as historian, theologian, and Jesuit, think that “May 68th” was a “cultural revolution” and, even more, a “revolution of believing” capable of causing gaps of meaning and action. The first part of this study revisits the reading of “May 68th” proposed by Certeau: the crisis of representations in contemporary imagination; the “taking of the word” through intersubjectivity and daily life; “mystique” as a metaphor of what was lived in 68<sup>th</sup>. The second part, still in dialogue with the French Jesuit, explores the interrelationship of May 68th with Catholicism, specifically as to what emerged in Latin America from the Conference of Medellín (1968). The second part concludes by showing the relevance and timeliness of Certeau’s interpretation for understanding many “taking the word” events that occurred in recent years from the “days of June 2013” in Brazil to the demonstrations made in Chile and Bolivia in 2019.

**Keywords:** May of 1968. “Taking of the word”. Michel de Certeau. Latin America.

## Introdução

Maio de 68 completou 50 anos em 2018. A data foi recordada de muitas formas em eventos, artigos e livros acadêmicos. Não é intenção deste estudo retornar a essa data como que a um acontecimento mítico, que estaria na origem de muitas ou de quase todas as rupturas e novidades que emergiram desde então no âmbito social, político e cultural do mundo contemporâneo. Trata-se de retomar um de seus intérpretes mais destacados, Michel de Certeau, historiador e teólogo jesuíta francês, que no “calor” do evento, não só captou seu significado profundo, como também as inflexões que o mesmo sofreu. Nos últimos anos, em várias partes do mundo, acontecimentos similares voltaram a ocorrer, com maior ou menor intensidade: em 2011, a “primavera árabe” no Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iêmem e Barein; em 2013, as jornadas de junho no Brasil; desde 2018, os “jalecos amarelos” na França; em 2019, a “revolta do guarda-chuva” em Hong Kong, e os grandes protestos por mudanças sociais e políticas no Chile e na Bolívia, atos que também ocorrem na Nicarágua e Venezuela, há mais tempo; também em 2019, a greve global pelo clima inspirada na ativista sueca Greta Thunberg. Nem todos esses eventos foram interpretados com a lucidez de Certeau, para o qual maio de 68 foi uma “tomada da palavra”. Este estudo, ao revisitar essa categoria elaborada pelo jesuíta francês, interroga-se sobre sua pertinência e atualidade, tendo como contexto a América Latina. Para isso, após apresentar a leitura certeuriana de maio de 68, mostrará o que seria a “tomada latino-americana da palavra” no final dos anos 60’, particularmente no âmbito da Igreja católica, concluindo com algumas considerações sobre a pertinência e a atualidade dessa leitura do jesuíta francês após mais de 50 anos de sua elaboração.

### 1. Michel de Certeau e o maio de 68 francês

Quando os acontecimentos de maio de 68 irromperam na França, Michel de Certeau tinha 43 anos. Nascido na Savoia, de uma família oriunda da pequena aristocracia, ele havia entrado na ordem dos jesuítas (Companhia de Jesus) em 1950. Concluídos seus estudos teológicos (1956), foi ordenado padre. Iniciou então um doutorado em ciências religiosas sobre os escritos de Pedro Fabro, um dos primeiros companheiros de Inácio de Loyola, concluindo-o em 1960, quando começou suas pesquisas sobre Joseph Surin, jesuíta francês do século

XVII. Tornou-se conhecido entre eruditos como especialista da história da mística.<sup>2</sup> Emitiu seus “últimos votos”<sup>3</sup> em 1963.<sup>4</sup>

Com esse itinerário, nada parecia indicar que Certeau se tornaria um dos primeiros e mais destacados intérpretes de Maio de 68.<sup>5</sup> Contudo, desde 1966, ele passara a fazer parte da equipe de redatores de *Études*, revista dos jesuítas de Paris, que gozava de boa reputação nos meios intelectuais franceses e internacionais,<sup>6</sup> e que, diante das denúncias de abuso de poder das forças militares francesas na guerra da Argélia (1954-1952), vinha conferindo maior espaço à reflexão sobre questões político-culturais da contemporaneidade. Foi assim que, junto com Bruno Ribes, jesuíta e editor de *Études*, Certeau, já em fevereiro de 1968, ia ao *campus* da Universidade de Nanterre, em busca de compreender as manifestações estudantis que ali vinham então acontecendo.<sup>7</sup> Em seguida, ele acompanhou a ocupação da Sorbonne, no centro de Paris,<sup>8</sup> como as passeatas e assembleias populares que se sucediam, principalmente no teatro Odeón, além de se encontrar com várias lideranças estudantis na residência dos jesuítas da rua Monsieur, n. 15:

Nesta ilha, até então tranquila, se reunia a liderança dos estudantes da Sorbonne, mobilizados pelo Departamento de História, com a presença de Dominique Julia. Também participam alguns jovens jesuítas da casa. Bruno Ribes recebe, nos momentos mais fortes da agitação, as

<sup>2</sup> MAGGIORI, R., Un certain de Certeau.

<sup>3</sup> A etapa final da formação de um jesuíta, denominada “terceira provação”, é acompanhada por um membro da ordem denominado “instrutor da terceira provação”. Após esta experiência, o jesuíta está pronto para ser incorporado na Companhia de Jesus pelos votos públicos e solenes, chamados de “últimos votos”. Em CONGREGAÇÃO GERAL XXXIV, Constituições e Normas Complementares, n. 125-127, 274-275.

<sup>4</sup> DOSSE, F., Michel de Certeau, p. 29; 59; 132.

<sup>5</sup> GIARD, L., *apud* CERTEAU, M., La prise de parole et autres écrits politiques, p. 7.

<sup>6</sup> DOSSE, F., Michel de Certeau, p. 132.

<sup>7</sup> Já em 1967, em Nanterre, no recém-criado *campus* da Universidade de Paris, eclodiram manifestações contra a péssima localização, a deficiência de equipamentos e os entraves burocráticos às moradias estudantis, que continuam até o início de 1968. Em 22 de março, a Universidade foi ocupada por estudantes (*Mouvement Mars 22*). Em 2/05/68, para impedir a continuidade das manifestações, o decano da Faculdade de Nanterre anuncia o imediato fechamento do *campus*. Em THIOLLENT, M., Maio de 68 em Paris, p. 67; PONGE, R., Maio de 68, p. 87.

<sup>8</sup> Em 3 de maio, no prédio central da Sorbonne, cerca de 400 estudantes realizam um comício pacífico contra a punição de 7 colegas e contra o fechamento de Nanterre. O reitor chama a polícia, que esvazia o prédio e prende os manifestantes. O repúdio é imediato, com passeatas rapidamente formadas, agregando estudantes e transeuntes, atingindo de duas a três mil pessoas. Ocorrem novos confrontos no Quartier Latin, com muitos feridos e presos. O reitor decide então fechar a universidade, sem prazo para sua reabertura. Em PONGE, R., Maio de 68, p. 87-88.

personalidades políticas mais importantes, as quais entram discretamente em seu escritório por uma porta dos fundos”.<sup>9</sup>

Em uma França simultaneamente mobilizada e estupefata, o número de Études de junho-julho de 1968 foi então lançado com um artigo de Michel de Certeau sobre os eventos que eclodiam, ao qual, nos meses seguintes, se seguiram outros textos.<sup>10</sup> Tais escritos, formulados no “calor da hora”, logo foram compilados em um livro, *La prise de parole: pour une nouvelle culture*, publicado ainda em 1968, pela Desclée de Brouwer, sendo posteriormente reeditado na coletânea *La prise de parole et autres écrits politiques*, organizada por Luce Giard, em 1994. Esses textos tiveram uma grande repercussão, com algumas das frases do jesuíta francês sendo continuamente replicadas, em especial a que dizia: “Em maio último, tomou-se a palavra como tomou-se a Bastilha em 1789”.<sup>11</sup>

É importante observar que em meados da década de 60, eram grandes as insatisfações político-sociais dos segmentos médios e populares dos países então considerados “desenvolvidos”, pois as reformas que haviam sido implementadas desde o final da II Guerra já não podiam superar as disparidades econômicas. Além do mais, investia-se muito em gastos militares para enfrentar os conflitos de descolonização na África e na Ásia, e as disputas da “Guerra Fria”. O ingresso de imigrantes tornou-se fator de instabilidade no país, face ao desemprego, aos baixos salários e às péssimas condições de trabalho. Acrescenta-se a isso o crescimento expressivo da população juvenil, devido à forte retomada da natalidade a partir de 1946.<sup>12</sup> Boa parte dessa juventude passou a considerar que a geração anterior havia se acomodado a uma estabilização econômica e social,<sup>13</sup> sem contar que muitos jovens não conseguiam entrar na universidade nem se inserir no mercado de trabalho. Os que ingressavam na universidade, reivindicavam um saber mais comprometido com as mudanças sociais e questionavam o valor de um conhecimento tão

<sup>9</sup> DOSSE, F., Michel de Certeau, p. 158. Tradução pelos autores desta publicação. Dominique Julia foi um pesquisador que posteriormente desenvolveu trabalhos em conjunto com Michel de Certeau, em especial o livro *Une politique de la langue*, tendo como terceiro coautor Jacques Revel, publicado por Gallimard, em 1975.

<sup>10</sup> Neste artigo são retomados os capítulos 1 a 4 do livro *La prise de parole*, de 1994, que é a republicação, com algumas alterações inseridas e indicadas por Luce Giard, dos textos publicados por Michel de Certeau em Études, em 1968.

<sup>11</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 40.

<sup>12</sup> NOGUEIRA, M. A., *A sociologia da educação no final dos anos 60/início dos anos 70*, p. 51.

<sup>13</sup> JUDT, T., *Pós-Guerra*.



abstrato e de tão grande rigidez em sua hierarquia acadêmica. Em muitas cidades do mundo eclodiram várias manifestações, com contornos diversificados, mas compartilhando a mesma insatisfação frente às autoridades e às instituições constituídas. “Com efeito, contesta-se o poder do Estado sobre os cidadãos, o dos homens sobre as mulheres, o dos médicos sobre os pacientes, o dos pais sobre os filhos, o das escolas sobre as crianças, etc”.<sup>14</sup>

A análise que se segue dedica-se a interpretar um tríplice ineditismo apontado por Michel de Certeau nos eventos de 1968: 1) o da quebra do paradigma da representação; 2) o da “tomada da palavra”, como ele próprio denominou o processo de ressignificação cultural pela via da intersubjetividade, mediada pelo cotidiano; 3) o da configuração “mística” (mas não “herética”) do evento, no acionamento de metáforas cristãs para indicar seu aspecto “revolucionário”.<sup>15</sup>

### 1.1. Uma crise de representação

Tentando interpretar o sentido implicado nas contestações de maio de 68, Michel de Certeau identificou três posicionamentos político-culturais distintos ao imaginário político-cultural do Ocidente no período imediatamente anterior às manifestações: 1) o do conformismo, em uma aderência às instituições já estabelecidas, em função de algum interesse, “para delas beneficiar-se”, ainda que tal alinhamento se fizesse acompanhar pelo “cinismo da decepção”,<sup>16</sup> que, inclusive, apresentava-se como a tendência preponderante, pois “há muito mais pessoas que obedecem a um reflexo de segurança”;<sup>17</sup> 2) o do exílio, mental ou efetivo, perante uma ordem demasiadamente fechada;<sup>18</sup> 3) o do “caos”, reação que, no entanto, não bastou para preencher o “vazio” decorrente da própria crise.<sup>19</sup> Esses posicionamentos eram, por sua vez, acompanhados

<sup>14</sup> SALEM, T., O “individualismo libertário” no imaginário social dos anos 60, p. 64-65.

<sup>15</sup> O marxismo, a psicanálise, o existencialismo e o estruturalismo, entre outras correntes da época, propuseram outras chaves de leitura de Maio de 68. A perspectiva de Michel de Certeau, certamente marcada por algumas dessas leituras, tem a originalidade de trazer elementos da história da mística e da história do cotidiano, ampliando o horizonte da leitura deste evento.

<sup>16</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 64.

<sup>17</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 58-59.

<sup>18</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 59. Ver também no texto: “Ontem, uma autoridade abusiva ou estreita era tolerada porque acrescentávamos a ela um pensamento livre sob a forma de uma resistência mental”. Em CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits*, p. 61.

<sup>19</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 61.

por uma sensibilidade de perplexidade, pois os esteios ideológicos que antes pareciam referendar as escolhas, mostravam-se doravante confundidos: direita e esquerda não mais se distinguiam, pois, segundo ele, “seu jogo obedece às mesmas regras”.<sup>20</sup>

O que estaria suscitando tal círculo vicioso de replicações que levavam a um “não lugar”? Para Michel de Certeau, a sociedade francesa defrontava-se, em termos político-culturais, com uma profunda desestabilização do sistema de representações.<sup>21</sup> Reportando-se a Rousseau, ele define representação como uma convenção de sentido sobre o real, dotada de três características inter-relacionais: 1) ela manifesta uma totalidade em si mesma inapreensível; 2) é suscetível de um controle (pelo envio a postulados teóricos e embasamentos originários); 3) exerce uma função operatória, isto é, viabiliza um poder. Segundo o jesuíta francês, esse “outro da realidade”, que “garantiria a representatividade das estruturas, das autoridades e de uma cultura comum”,<sup>22</sup> deixou, contudo, de “funcionar”, ou seja, não mais conferia legitimidade aos sentidos (saber) e às ações (poder). Em suma, a relação que uma sociedade mantinha com sua linguagem não mais se sustentava:

Talvez seja ingênuo exigir que uma linguagem declare para o que ela existe; que um saber não jogue um outro jogo que aquele que ele anuncia; que os delegados não se doem um outro poder do que aquele que eles receberam; que a lei não exprima outra coisa que aquilo que ela diz. Mas esta é precisamente a questão. [...]. Podem-se multiplicar os exemplos ao infinito, e encontrar por todo lugar, no Estado, na Universidade, na Igreja, um mesmo problema, que a crise de maio último tornou patente: o mal-estar (se é que é um!) que atesta também uma profunda evolução, que consiste em *levar a linguagem a sério*, ou em recusar o que se torna um jogo, o jogo de ninguém.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 58.

<sup>21</sup> Ver ainda: “Que ele coloque em causa todo nosso sistema de representações, eu o creio”. CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 62.

<sup>22</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits*, p. 59, 61.

<sup>23</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits*, p. 61-62. Ver ainda: “Em minha opinião, a ‘tomada da palavra’ e o ‘retorno à ordem’ que lhe seguiu o mostram igualmente. A acusação, pela maneira na qual ela foi expressa, e a defesa das instituições, pela forma como se exerceu, apresentam com efeito um mesmo sintoma: *a dissociação entre o poder e a linguagem* (uma dissociação que duplica, sob um outro viés, a que separa a práxis e a teoria)”. CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits*, p. 63 (itálicos do autor).

Essa desestabilização atinge um lugar crucial de saber, a universidade, como espaço de cultura e ensino. Mas afeta também as instituições sociopolíticas, pois o próprio postulado da representação está em causa: “As delegações sindicais, as deputações políticas ou as teorias eruditas são atingidas na raiz, se colocamos em dúvida o que elas “representam”. Essa crise de representações define “o que torna possível um fascismo, se entendemos por isso um poder que não é mais representativo”.<sup>24</sup>

## 1.2. A “tomada da palavra”

A incapacidade de incorporar representativamente os diversos agentes sociais que demandavam uma participação e uma legitimidade na correlação de forças políticas da sociedade francesa suscitou, ainda segundo Michel de Certeau, a irrupção do evento Maio de 68. Em tempos de racionalização técnica e forte burocratização, diz ele, nos quais o passado é evocado em nome de hierarquias tradicionais, mas não elucidado,<sup>25</sup> tal emergência ocorreu sobretudo pela “tomada da palavra”,<sup>26</sup> com uma efetiva potência desestabilizadora:

Em maio último, tomou-se a palavra como se tomou a Bastilha em 1789. A praça forte que foi ocupada consistiu em um saber detido pelos dispensadores da cultura e destinado a manter a inserção ou o enclausuramento dos trabalhadores, estudantes e operários em um sistema que lhes fixava um funcionamento. Da tomada da Bastilha à tomada da Sorbonne, entre esses dois símbolos, uma diferença essencial caracterizava o evento de 13 de maio de 1968: hoje, é a palavra, aprisionada, que foi libertada.<sup>27</sup>

Assim, para Michel de Certeau, Maio de 68 pode ser alçado, numa cronologia, delineada por ele entre 13 de maio a 16 de junho de 68, a uma “revolução simbólica” ou “revolução cultural”:

<sup>24</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 60-61, 63.

<sup>25</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 32.

<sup>26</sup> Ver também: “A palavra, do início ao fim, jogou um papel decisivo, desde aquela de Daniel Cohn-Bendit até aquela do general de Gaulle”. CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits*, p. 30.

<sup>27</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 40.



Revolução simbólica, pois, seja devido ao que ela significa, mais do que ela não efetua, seja devido ao fato de que ela contesta relações (sociais e históricas) para criá-las autênticas. Assim, o “símbolo” é o índice que afeta todo movimento, em sua prática como em sua teoria. [...] o simbólico visava tornar possíveis perspectivas até então interditas; era a expressão de um mal-estar sem linguagem e de uma voz reprimida. [...] a criação de um “lugar simbólico” é também uma ação.<sup>28</sup>

Mas tal desestabilização da ordem pela palavra, ou seja, tal “revolução” não assume contornos necessariamente destruidores. Para o jesuíta francês, a “tomada da palavra” emerge justamente para reconstituir laços sociais, configurando-se, assim, como “uma verdadeira comunicação”: “É um fato do qual nós somos testemunhas, por tê-lo visto e dele participado: uma multidão tornou-se poética”.<sup>29</sup> Logo, mais do que uma deterioração, o que emergia era a demanda por uma nova prática de linguagem: “Nós queríamos ter relações *humanas* com os professores”, dizia um aluno.<sup>30</sup> Para tanto, mostrava-se fundamental que os indivíduos, ao se permitirem enunciar sua palavra, também se percebessem como sujeitos sociais: “Falar, e não ser o porta-voz de uma força de pressão, de uma verdade ‘neutra’ e objetiva, ou de uma convicção provinda de fora”.<sup>31</sup>

Mas como tal reelaboração das relações, através do uso da palavra, chega a processar-se? Não é uma mudança explícita que se verifica. Afinal, diz Michel de Certeau, “para se mostrar, as novidades se disfarçam”.<sup>32</sup> As alterações se imiscuem num sistema de representações mediante reempregos da linguagem já consolidada. Não há vocábulos inéditos, concepções desconhecidas. Inclusive, acrescenta o autor, os contestadores são geralmente acusados de pobreza intelectual (e não só econômica), pois recorrem ao que é considerado uma “magra bagagem cultural”.<sup>33</sup> Mas é justamente pelos traços de novos usos desses termos em voga que se pode entrever uma mutação; na brecha de um sistema, eles “anunciam o matiz de uma outra cultura, mediante uma tomada da palavra de tipo distinto”.<sup>34</sup> Um dos exemplos que cita o pensador francês é o da palavra “negritude”:

<sup>28</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 36.

<sup>29</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 43.

<sup>30</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 62, negritos do autor.

<sup>31</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 40.

<sup>32</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 65.

<sup>33</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 64.

<sup>34</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 66.

Ontem, por exemplo, a *negritude* era o indício de uma mutação afetando todo o “texto recebido” da cultura ocidental, mas sem chegar ainda a reorganizá-lo ou a substituí-lo. Algumas palavras “pobres” já traduziam um deslocamento fundamental: a vida, a comunhão etc. Nós o sabemos hoje, era nosso saber ocidental que era pobre, quando se revelava incapaz de discernir nas noções “vagas” aquilo que elas significavam para nós [...] Mas esse mesmo reemprego deixava ainda frágil a “tomada da palavra” disposta sob o signo da “negritude”. Irredutível, mas desarmada, ela não tinha para seu uso nada além de termos organizados de uma maneira estrangeira a seu propósito – os nossos. [...]. “Tomada” pelos negros em nome de uma experiência própria, “liberada” por e para um uso que era o seu, a palavra foi [...] “retomada” em nome dos próprios conhecimentos e lógicas inscritos na linguagem que eles tentavam falar em seu nome.<sup>35</sup>

Portanto, para que esses novos usos pudessem ter sua potência catalizadora de mudanças efetivamente acionada, era necessário que a palavra pudesse ser desdobrada em novas e inovadoras modalidades de organizações institucionais – em última instância, era a própria linguagem que se reconfigurava como uma verdadeira instituição, “tomando o *poder* de se organizar em uma representação”.<sup>36</sup> Assim, assevera o jesuíta francês:

Muitos outros exemplos o mostram: é impossível tomar a palavra e a manter sem uma tomada de poder. [...]. Na medida em que os homens pretendem correr, sob essa dupla forma, o risco de existir, na medida em que eles percebem que, para ter a palavra, é preciso assegurar-se o poder, eles darão à sua identidade a figura histórica de uma nova unidade cultural e política. Senão, eles serão necessariamente “retomados” ou exilados, reintegrados no sistema ou votados a não serem nada além de fugitivos, prisioneiros de uma repressão ou alienados em uma regressão.<sup>37</sup>

Com o questionamento da representação, imbricado à tomada da palavra, assumida como instância de institucionalização, inaugura-se uma ressignificação do campo político. Tal institucionalização do dizer desdobra-se, então, em diversas reivindicações sociopolíticas, que se estendem da reivindicação de autonomia e autogestão nas fábricas, escolas e universidades,

<sup>35</sup> CERTEAU, M., La prise de parole et autres écrits politiques, p. 66.

<sup>36</sup> CERTEAU, M., La prise de parole et autres écrits politiques, p. 67.

<sup>37</sup> CERTEAU, M., La prise de parole et autres écrits politiques, p. 67-68.

à discussão sobre os fundamentos e a forma da democracia. Ademais, Michel de Certeau faz questão de destacar, que o emprego da palavra se fez acompanhar, ainda que de forma pontual (e geralmente limitada ao ambiente parisiense onde o jesuíta francês circulou durante os acontecimentos de Maio de 1968), por um contrato diferenciado entre estudantes (que geralmente integravam uma elite intelectual) e os trabalhadores fabris e dos serviços:

Escondida talvez até então (mas isso não quer dizer que ela não existia), uma palavra explodiu nas relações que a permitiram ou nas quais ela se deu com a alegria (ou a seriedade?) de compartimentações quebradas e de camaradagens imprevisíveis. [...] ela abria, a cada um, esses debates, que ultrapassavam ao mesmo tempo a barreira das especializações e aquela dos meios sociais, e que mudavam os espectadores em atores, o face-a-face em diálogo, a informação ou a aprendizagem de “conhecimentos” em discussões apaixonadas sobre as opções engajando a existência. Essa experiência ocorreu.<sup>38</sup>

Sem tal conquista político-social da institucionalização na e pela palavra, esses grupos já marginalizados tornam-se ainda mais alijados da representação social (a não ser como objeto de estudo das ciências, que lhes fixam um determinado lugar). E um desses lugares de afastamento da representação é justamente o passado histórico.<sup>39</sup> O próprio evento de Maio de 68, poucos meses depois, já era representado como a lenda de um paraíso perdido ou de um primitivismo que paralisava a história em barricadas.<sup>40</sup> As palavras nele irrompidas, mas não institucionalizadas, tornaram-se objeto de uma literatura vantajosa para editores e apaziguadora para quem preferia comprar um livro do que mobilizar-se nas ruas:

“Maio se vende bem”, *L'Express* o constatava desde o fim de julho. Desde então, o fenômeno tomou uma proporção ainda mais vasta. [...] O fluxo de escrita corresponde ao refluxo da “palavra”. A leitura privada sucede às assembleias públicas. A informação livresca, à do rádio, imediata e brutal

<sup>38</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 62-63. Ver também: “O evento [...] é este lugar constituído por escolhas frequentemente surpreendentes, que modificaram as repartições costumeiras, os grupos, os partidos e as comunidades, segundo uma clivagem inesperada”. CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits*, p. 29.

<sup>39</sup> Ver também “Ele foi explicado pelos saberes já elaborados. Enfim, ele foi reduzido a seu passado [...] reconduzido às repartições sociais e intelectuais que ele contestava (mas sem poder ainda as alterar)”. CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits*, p. 64.

<sup>40</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 68.

[...] Depois, como durante, a televisão supervisionada ou censurada, continua a frustrar o público desejoso de saber.<sup>41</sup>

### 1.3. A configuração “mística” do evento

Outro elemento da leitura de Michel de Certeau é a analogia que ele faz entre Maio de 68 e a experiência mística dos séculos XVI e XVII. Segundo Giard, os estudos do jesuíta francês repercutiram em sua leitura do evento:

Lendo e relendo seus místicos, Certeau aí vislumbrava os traços dessa “força dos fracos” pela qual tornamo-nos capazes de resistir à violência dos fortes, senão visivelmente, ao menos interiormente, abrigando-se mentalmente de seus golpes, fechando-se a suas injunções. Essas fontes infinitas de uma resistência silenciosa e por vezes desesperada, ele as via na obra quer dos “cristãos sem Igreja” do século XVII, quer dos ameríndios esmagados pelo colonizador desde a Renascença, quer ainda no “homem sem qualidade”, nosso contemporâneo, submergido pelo consumo de massa até o íntimo de seus sonhos.<sup>42</sup>

Ao configurar-se como uma “mística” o evento também foi considerado como “heresia”, uma vez que esta implica uma separação e a vivência da contestação religiosa em um “gueto”, num sistema binário de oposições entre poder hegemônico e oposição a esse poder. De fato, para o jesuíta francês, Maio de 68 delineava alguns polos emblemáticos de contestação, a Sorbonne e o Ódeon.

Na falta de já poder determinar uma nova mentalidade, o evento só tem, para exprimir-se, uma *regressão* a uma situação mais antiga, que a defende da ordem reinante, ou de uma *marginalização* que lança a contestação para as fronteiras da sociedade, sob a forma de um espaço próprio (o “essencial” da experiência, tornando-se o exterior de uma cultura) e sob o disfarce de ideias ou de noções ainda extraídas do sistema contestado.<sup>43</sup>

Como a experiência “mística”, os acontecimentos de Maio de 68 não podiam ser contidos em uma “reforma”, que busca subordinar o inconformismo a algumas conquistas. Foram muitos os esforços para recuperar as “heresias”

<sup>41</sup> CERTEAU, M., La prise de parole et autres écrits politiques, p. 78.

<sup>42</sup> GIARD *apud* CERTAU, M., La prise de parole et autres écrits politiques, p. 10.

<sup>43</sup> CERTEAU, M., La prise de parole et autres écrits politiques, p. 47.

na ordem estabelecida e de explicar com seu saber o que, por um momento, escapou-lhe. Houve uma enorme operação para reintegrar o “aberrante” (que é o evento) nos sistemas já elaborados. Assim, buscava-se eliminar o risco de viver inventando o novo, apanágio do crer.<sup>44</sup>

## 2. A “tomada da palavra” na Igreja da América Latina

Maio de 68 não se reduz aos eventos ocorridos na França, pois muitos outros lugares foram sacudidos por manifestações similares: a Checoslováquia, com a “Primavera de Praga”; a China, com o auge e o fracasso da revolução cultural; o Vietnã, com a ofensiva do Tet, decisiva para a vitória na guerra; os Estados Unidos, com as fortes reações à presença de suas tropas na guerra do Vietnã e à morte de Martin Luther King; o México, com o massacre de Tlatetolco; a Espanha, com as greves em várias universidades do país e as primeiras ações do grupo terrorista ETA; o Brasil, com os protestos estudantis contra a ditadura.<sup>45</sup>

A Igreja católica, com o Concílio Vaticano II (1962-1965), vivia então um processo de profunda renovação, abrindo espaço para uma verdadeira “tomada da palavra” por parte dos fiéis, das hierarquias locais e dos teólogos. No pós-concílio, isso se traduziu, entre outros: nas novas expressões da celebração litúrgica, que levaram a uma maior participação dos fiéis; nos novos percursos catequéticos, que davam mais protagonismo aos catequizandos; na renovação da formação do clero, aproximando os seminaristas da vida do povo; no espaço dado aos leigos em várias instâncias eclesiais, tornando-os atores eclesiais; nas leituras da Bíblia junto ao povo, que levaram ao surgimento das comunidades eclesiais de base.

A “tomada da palavra” se traduziu também de forma crítica: contra posturas políticas da Igreja afinadas com o poder estabelecido; contra elementos da disciplina eclesiástica, como o celibato; contra o exercício do poder pela hierarquia, tido como autoritário; contra alguns aspectos da teologia moral.

Paulo VI, apesar do enorme esforço por impulsionar as opções do Concílio, com a encíclica *Populorum progressio* (1967), publicou, em julho de 1968, a encíclica *Humanae vitae*, sobre a regulação da natalidade, que

<sup>44</sup> CERTEAU, M., *La prise de parole et autres écrits politiques*, p. 48.

<sup>45</sup> Certamente nem todos esses acontecimentos possuem o mesmo significado do Maio de 68 ocorrido na França, mas sua relativa proximidade do evento francês é um indício de uma “tomada da palavra” que contestava os poderes estabelecidos.

reafirmava, aos olhos de muitos, a moral tradicional da Igreja. De fato, os efeitos de Maio de 68 na Igreja dão origem a uma inflexão em seu diálogo com o mundo moderno, perceptível também em alguns teólogos, como Ratzinger, importante perito do Vaticano II, que aos poucos se tornou crítico de alguns de seus desdobramentos.<sup>46</sup> Com, João Paulo II, a “tomada da palavra” na Igreja cede o lugar para o que, segundo João Batista Libanio, se configurou como uma “volta à grande disciplina”, coincidindo, em parte, com a leitura de Michel de Certeau sobre a “volta à ordem” após Maio de 68.<sup>47</sup>

A principal expressão da “tomada da palavra” pela Igreja latino-americana é, sem dúvida, a II Conferência dos bispos da região, entre agosto e setembro de 1968, em Medellín, Colômbia. Sob muitos pontos de vista, o que aconteceu nesse encontro tornou-se emblema de uma “tomada da palavra”, inusitada até então, embora tenha despertado reações dentro e fora da própria instituição eclesial, visando a cercear e a calar a força simbólica desse evento. A análise proposta a seguir retoma a “tomada da palavra” no texto de Medellín e no conjunto da Igreja latino-americana, para, num segundo momento, perguntar-se sobre sua atualidade no século XXI.<sup>48</sup>

## 2.1. Ecos de Maio 68 em Medellín e na Igreja da América Latina

Propriamente falando, os documentos que compõem as conclusões da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizado em Medellín, sobre o tema “A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio”, não mencionam Maio de 68. Em vários momentos, porém, pode-se escutar os ecos que esse evento havia suscitado no âmbito da sociedade e da cultura. Não se trata aqui de retomar essas referências, mas de mostrar seu possível impacto nos documentos, que atesta ou

---

<sup>46</sup> Maio de 68 marcou de tal modo o teólogo alemão que, em 2019, no texto que, como Papa emérito, escreveu para o jornal alemão *Klerusblatt*, sobre “A Igreja e os abusos sexuais”, ele afirma que “Entre as liberdades pelas quais a Revolução de 1968 lutou estava a liberdade sexual total, uma liberdade que já não tivesse mais normas”. BENTO XVI, PP., *A igreja e os abusos sexuais*.

<sup>47</sup> LIBANIO, J. B., *A volta à grande disciplina*.

<sup>48</sup> A análise aqui proposta privilegia a leitura do próprio texto. Muitas leituras têm sido feitas sobre este acontecimento, como as de: SUESS, P., *Medellín e os sinais dos tempos*; BEOZZO, J. O., *Medellín*; GUTIERREZ, G., *A atualidade de Medellín*; BRIGHENTI, A., *O contexto de uma ousadia que continua fazendo caminho*; MURAD, A. T., *Medellín*; GODOY, M. J.; AQUINO, F. (Orgs.), *50 anos de Medellín*.

não a abertura dos bispos ao “sinal dos tempos” que esse evento, sem dúvida, então representava. A leitura aqui proposta fará um sobrevoo sobre o conjunto dos textos, começando com o que o precede: Apresentação, Discursos, de Paulo VI e dos Presidentes da II Conferência, Mensagem aos Povos da América Latina, Introdução às conclusões, passando depois por alguns dos 16 pequenos documentos.

A “Apresentação” do documento, de 30/11/1968, feita pelo Presidente e pelo Secretário Geral do CELAM,<sup>49</sup> alude ao significado da II Conferência afirmando que “ali deveras se viveu [...] um autêntico Pentecostes para a Igreja Latino-americana”. Em seguida, os autores declaram que, com esse encontro, começava “para a Igreja da América Latina ‘um novo período de sua vida eclesial’”. Os autores dizem ainda que estão conscientes “das graves dificuldades e tremendos problemas” que atingem a região.<sup>50</sup> Uma dupla tomada de consciência emerge aí, a da realidade do continente e a da irrupção de algo novo na Igreja, um “Pentecostes”.

Paulo VI, no “Discurso de abertura”, evoca, já no início, o momento presente, feito de “inquietação” nos países da região, “agitados pela consciência dos próprios desequilíbrios econômicos, sociais, políticos e morais”.<sup>51</sup> Mais adiante, aponta os ataques que a fé tem sofrido das “correntes mais subversivas do pensamento moderno”, com “um espírito de crítica subversiva”, que leva à renúncia do “patrimônio doutrinário acumulado durante séculos pelo Magistério da Igreja”. Segundo o Pontífice, alguns teólogos se deixam seduzir por tais correntes, e “recorrem a expressões doutrinárias ambíguas, arrogam-se a liberdade de enunciar opiniões próprias”, chegando a defender que “cada um na Igreja pense e creia aquilo que quiserem”.<sup>52</sup> Nas orientações pastorais, Paulo VI chama ainda a atenção para duas ameaças à fé: a de secularizar o cristianismo, tirando-lhe sua referência à caridade divina, para conferir-lhe nova eficácia, tornando-o “aceitável e operante na moderna civilização profana e tecnológica”; a de contrapor uma Igreja “carismática”, “espontânea e espiritual”, a uma Igreja “institucional”, “comunitária e hierárquica, visível e responsável, organizada e disciplinada, apostólica e sacramental”. Referindo-se aos padres, o Papa pede aos bispos que se previnam contra toda atitude “irregular e indisciplinada”. Termina sua alocução recordando a

<sup>49</sup> Respectivamente Dom Avelar Brandão Vilela (Brasil) e Dom Eduardo F. Pirônio (Argentina).

<sup>50</sup> VILELA, A. B.; RICKETTS, J. L., Apresentação, p. 7.

<sup>51</sup> PAULO VI, PP., Discurso de abertura, p. 10.

<sup>52</sup> PAULO VI, PP., Discurso de abertura, p. 12.

incompatibilidade entre cristianismo e violência e faz uma veemente defesa da *Humanae vitae*.<sup>53</sup>

Pode-se perceber nos elementos assinalados, ecos das agitações que marcavam o mundo em 68 e das dificuldades que o diálogo com o sujeito moderno, proposto pelo Vaticano II, e que havia de tantas maneiras “tomado a palavra” no imediato pós-concílio, levantava à Igreja. Dos Discursos dos três presidentes da Conferência, é interessante sublinhar: 1) as declarações do Cardeal Juan Landárizuri Ricketts, que na última parte de sua alocução chama a atenção para a necessidade de “saber escutar para saber estar presente”. E esta escuta, diz ele, é a das “necessidades e misérias de homens e mulheres latino-americanos”. Trata-se de “comprometer-se com os esforços da emancipação”, com as “lutas de nossos irmãos”, que buscam “condições de vida mais humanas”. Esta escuta-presença deve levar a “denunciar o que oprime”;<sup>54</sup> o discurso do Cardeal Avelar Brandão Vilela, que ao falar da mudança de estruturas sem recurso à violência, observa, “nem à violência armada e sangrenta, que multiplica os problemas humanos, nem à violência passiva, que torna injustas as mesmas estruturas que devem ser modificadas”.<sup>55</sup> Nos dois textos ecoam as várias lutas de libertação presentes no continente e o papel que a Igreja acreditava dever desempenhar. Isso aparecerá mais explicitamente nos 16 documentos, e são a expressão da “tomada da palavra” da Igreja do continente, tornando-se Igreja-fonte e não reflexo.<sup>56</sup>

Na “Mensagem aos povos da América Latina”, os bispos afirmam que a “palavra” deles quer ser “sinal de compromisso”. Iniciam recordando a identidade do continente, “uno e múltiplo”, com uma história, valores e problemas semelhantes na diversidade.<sup>57</sup> Realidade cheia de promessas e esperanças, mas também de “angustiosos problemas”, que se manifestam em “sinais de injustiças que ferem a consciência cristã”. Eles veem sua missão como a de “contribuir para a promoção integral do homem e das comunidades do continente”. Acreditam estar numa “nova era histórica”, que exige “clareza para ver, lucidez para diagnosticar e solidariedade para atuar”. À luz da fé, os bispos captam nas “aspirações e clamores” da região “sinais que revelam a orientação do plano divino”. Por isso, querem “sentir

<sup>53</sup> PAULO VI, PP., Discurso de abertura, p. 14-15, 17-18, 19.

<sup>54</sup> RICKETTS, J. L., Discurso de abertura do Cardeal Juan Landárizuri Ricketts, p. 25.

<sup>55</sup> VILELA, A. B., Discurso de abertura de Dom Avelar Brandão Vilela, p. 31.

<sup>56</sup> Formulação de Lima Vaz, em: LIMA VAZ, H. C., Igreja-reflexo Vs. Igreja-fonte, p. 17-22.

<sup>57</sup> DM, Mensagem, p. 36.



os problemas, perceber as exigências, compartilhar as angústias, descobrir os caminhos e colaborar nas soluções”.<sup>58</sup> Nossos povos, dizem eles, “aspiram à sua libertação e crescimento dentro da humanidade, através de incorporação e participação de todos na mesma gestão do processo personalizante”. Faz parte da missão da Igreja “denunciar com firmeza as realidades da América Latina que constituem afronta ao espírito do Evangelho”.<sup>59</sup> O tom da Mensagem é profético e corresponde bem ao desejo manifestado pelo Cardeal Juan Landárizuri Ricketts, em seu discurso de abertura do evento.

A “Introdução” às conclusões também traz esse tom e oferece uma chave de leitura do conjunto dos 16 documentos. Inicia afirmando que a Igreja Latino-americana “concentrou a atenção sobre o homem deste Continente que vive um momento decisivo de seu processo histórico”, pois “para conhecer a Deus é necessário conhecer o homem”.<sup>60</sup> Após breve recordação da evangelização no continente, feita de luzes e sombras, o texto afirma de modo solene: “É preciso agir. Esta não deixou de ser a hora da *palavra*, mas tornou-se, com dramática urgência, a hora da ação”.<sup>61</sup> Reconhecendo que se encontram no “umbral de uma nova época da história”, marcada por um “desejo de emancipação total, de libertação de qualquer servidão, de maturidade pessoal e integração coletiva”,<sup>62</sup> os bispos associam esse desejo à presença, no ser humano, da imagem divina, presença que é salvífica, que esteve junto ao antigo Povo de Deus e está no seu Novo Povo. Essa presença salvífica se dá, no continente, como passagem, para todos e cada um, de “condições menos humanas”: “carências materiais”, “carências morais”, “estruturas opressivas”, a “condições mais humanas”: “posse do necessário”, vitória sobre os flagelos sociais, alargamento dos conhecimentos, aquisição da cultura, o reconhecimento da “dignidade dos outros”, a orientação “para o espírito de pobreza, a cooperação no bem comum, a vontade de paz”, o “reconhecimento, pelo homem, dos valores supremos”, a “fé, dom de Deus”.<sup>63</sup> Nessa passagem, a América Latina tem uma “vocação original”: “unir numa síntese nova e genial o antigo

<sup>58</sup> DM, Mensagem, p. 37.

<sup>59</sup> DM, Mensagem, p. 38.

<sup>60</sup> Esta citação, no texto, remete a PAULO VI, PP., Discurso de Encerramento do Concílio Vaticano II.

<sup>61</sup> DM, Introdução, 3.

<sup>62</sup> DM, Introdução, 4.

<sup>63</sup> DM, Introdução, 6.

e o moderno, o espiritual e o temporal, o que outros nos legaram e nossa própria originalidade”.<sup>64</sup>

A orientação dada pela “Introdução” ao conjunto dos documentos de Medellín, une palavra e ação, e faz deste evento não uma mera aplicação dos documentos do Vaticano II, mas um ato de recepção criativa.<sup>65</sup> E isso já aparece na divisão tripartite que reagrupa os 16 textos: I. Promoção humana: 1. Justiça, 2. Paz, 3. Família e Demografia, 4. Educação, 5. Juventude; II. Evangelização e crescimento na fé: 6. Pastoral Popular, 7. Pastoral das elites, 8. Catequese, 9. Liturgia; III. A Igreja visível e suas estruturas: 10. O movimento de leigos, 11. Sacerdotes, 12. Religiosos, 13. Formação do clero, 14. Pobreza da Igreja, 15. Pastoral de conjunto, 16. Meios de comunicação social. A primazia, na ordem da apresentação, é dada a temas que se aproximam, em parte, aos que o Concílio tratou na *Gaudium et spes*. De fato, os textos do Vaticano II, reunidos em Constituições: sobre a Igreja (*Lumen gentium*); sobre a revelação (*Dei verbum*); sobre a Igreja no mundo de hoje (*Gaudium et spes*); sobre a Liturgia (*Sacrosanctum concilium*); Decretos: Unidade dos cristãos (*Unitatis redintegratio*), Igrejas orientais (*Orientalium ecclesiarum*), missão (*Ad gentes*), ministério dos bispos (*Christus dominus*), o ministério ordenado (*Presbyterorum ordinis*), a vida religiosa (*Perfectae caritatis*), a formação os padres (*Optatam totius*), os leigos (*Apostolicam actuositatem*), os meios de comunicação social (*Inter mirifica*); e Declarações: educação (*Gravissimum educationis*), a liberdade religiosa (*Dignitatis humanae*), o diálogo inter-religioso (*Nostra aetate*), refletem primeiro sobre a Igreja e a revelação, antes de introduzir a missão da Igreja no mundo e as outras questões importantes de sua estrutura e missão. Em Medellín, não só a primazia é dada à presença profética da Igreja no mundo, mas as questões relacionadas à evangelização e aos elementos estruturais da Igreja são tratadas à luz do diálogo entre fé cristã e realidade social, política, cultural, econômica e religiosa da região. Essa mudança estrutural reflete, sob certo ponto de vista, a primazia da “tomada da palavra”, que, segundo os bispos, é primazia da ação.

Os vários documentos que compõem as Conclusões de Medellín não serão aqui analisados em detalhe. As observações feitas acima dão o tom desse conjunto de textos que constituem, efetivamente, uma “tomada profética da palavra” pelo episcopado latino-americano, que faz ecoar a “injustiça que

<sup>64</sup> DM, Introdução, 7. Esta citação, no texto, remete a um Discurso de Paulo VI de 03/07/1966.

<sup>65</sup> AQUINO JUNIOR, F., 50 anos de Medellín – 5 anos de Francisco, p. 41-58.

brada aos céus”.<sup>66</sup> Os bispos acreditam que é “indispensável a formação da consciência social e a percepção realista dos problemas da comunidade e das estruturas sociais”.<sup>67</sup> Denunciam, por isso, as “desigualdades excessivas entre as classes sociais”, que impedem a “satisfação das legítimas aspirações dos setores postergados”, as “formas de opressão de grupos e setores dominantes”, “o poder exercido injustamente por certos setores dominantes”.<sup>68</sup> Mas também percebem a “crescente tomada de consciência dos setores oprimidos”.<sup>69</sup> Recordam que “a paz é fruto da justiça” e supõe a criação de uma ordem nova, um “desenvolvimento integral”, que faça a “passagem de condições menos humanas a condições mais humanas”.<sup>70</sup> Essa paz é construída e supõe uma “ação dinâmica de conscientização e organização dos setores populares”.<sup>71</sup>

A educação tem, nesse sentido, um papel capital no processo de construção da justiça e da paz. Ela deve capacitar os “marginalizados da cultura” para que, “eles mesmos, como autores de seu próprio progresso, desenvolvam, de maneira criativa e original, um mundo cultural conforme a sua própria riqueza e que seja fruto de seus próprios esforços”. Os bispos criticam os sistemas educativos passivos, que sustentam “uma economia baseada na ânsia de ‘ter mais’”, e propõem uma perspectiva que forme para o espírito crítico, em função de uma sociedade baseada no “ser mais”.<sup>72</sup> Essa educação ao serviço do desenvolvimento integral, eles a chamam de “educação libertadora”,<sup>73</sup> e se comprometem em promovê-la, convertendo o estudante em “agente consciente do seu desenvolvimento integral”.<sup>74</sup>

No texto sobre a Juventude percebe-se de modo mais agudo os ecos das revoltas do Maio de 68. Os bispos reconhecem na juventude uma “grande força nova de pressão”, um “novo corpo social”, “portador de suas próprias ideias e valores e de seu próprio dinamismo interno”, mas marcada por uma “época de crise e de mudanças”. Trata-se de uma “crise que atinge tudo”, que leva os jovens sensíveis aos problemas sociais a reclamar “mudanças

<sup>66</sup> DM, Justiça, 1. De novo os bispos citam, com esta frase, um texto da PP 30.

<sup>67</sup> DM, Justiça, 17.

<sup>68</sup> DM, Paz, 3-6.

<sup>69</sup> DM, Paz, 7.

<sup>70</sup> DM, Paz, 14.

<sup>71</sup> DM, Paz, 18.

<sup>72</sup> DM, Educação, 3-4.

<sup>73</sup> DM, Educação, 8.

<sup>74</sup> DM, Educação, 16.

profundas e rápidas que garantam uma sociedade mais justa”.<sup>75</sup> Na síntese de elementos positivos e negativos que caracterizam o mundo juvenil, os bispos elencam: tendência à personalização, recusa da tradição, idealismo excessivo, inconformismo radical, busca de construir um mundo novo prescindindo do passado, recusa das formas institucionais, das normas, das autoridades e do formalismo, autenticidade, sinceridade e aceitação dos outros. Reconhecem nas atitudes dos jovens uma manifestação dos “sinais dos tempos”.<sup>76</sup>

A “tomada da palavra” desta primeira parte, mais que dialogar com o “sujeito” da “primeira modernidade”, marcado pela autonomia da razão, tem em conta um sujeito coletivo, para o qual a Igreja deve voltar-se. Nesse sentido, na segunda parte, dedicada à evangelização, os dois primeiros documentos tratam dos grupos que deverão promover esse sujeito: o da “grande massa de batizados”, que conserva uma “profunda religiosidade”, mas que precisa ser “cocriador e administrador, juntamente com Deus, de seu destino”, tarefa que pode ser realizada nas comunidades cristãs de base, à luz da “Palavra de Deus”, e alimentada, enquanto possível, pela “celebração eucarística”;<sup>77</sup> o das elites, constituído por grupos dirigentes, “dominantes no plano da cultura, da profissão, da economia e do poder”, marcado ideologicamente pelo interesse de manutenção do *status quo* ou pelo desejo de mudanças profundas, grupo mais afetado pela secularização moderna e que exige, do trabalho evangelizador, a orientação para a formação de uma “fé pessoal, adulta, interiormente formada, operante e constantemente confrontada com os desafios da vida atual nesta fase de transição”, para que se torne “minoridade comprometida” e “ativa”, e realize, “nos ambientes rural e operário, importante trabalho de conscientização e promoção humana”.<sup>78</sup>

Os documentos sobre a “Catequese” e a “Liturgia” também estão ao serviço desse sujeito coletivo. O mesmo se percebe na terceira parte, que trata da “Igreja visível e suas estruturas”. No texto sobre os leigos, por exemplo, ecoa novamente o “momento histórico”, feito de “atitudes de protesto e aspirações à libertação, ao desenvolvimento e à justiça social”, que coloca os latino-americanos ante o “desafio de um compromisso liberador e humanizador”.<sup>79</sup> Os documentos sobre os “Sacerdotes”, sobre os “Religiosos” e sobre a

<sup>75</sup> DM, Juventude, 1-3.

<sup>76</sup> DM, Juventude, 9, 13.

<sup>77</sup> DM, Pastoral Popular, 1.

<sup>78</sup> DM, Pastoral das elites, 13-14.

<sup>79</sup> DM, Movimento de leigos, 2.

“Formação do clero”, evocam a crise que então perpassava tais segmentos, relacionada com a instituição, a fé, e que levou muitos a abandonarem o ministério ou a consagração.<sup>80</sup> No documento “A pobreza da Igreja”, volta o apelo à “solidariedade” com os pobres, que deverá levar a Igreja a assumir os problemas e lutas dos pobres. Isso se dará através da “denúncia da injustiça e da opressão, na luta contra a intolerável situação em que se encontra tantas vezes o pobre”.<sup>81</sup>

## 2.2. A “tomada da palavra” na Igreja latino-americana hoje

A “tomada da palavra” presente nos textos acima analisados se traduziu em muitas iniciativas na Igreja latino-americana no período que se seguiu a Medellín, dentre as quais se destacam: 1) a experiência inovadora das comunidades eclesiais de base, que se tornaram o lugar de uma verdadeira “eclesiogênese”, na qual os pobres “tomaram a palavra” e se tornaram sujeitos na Igreja; 2) as várias pastorais em defesa da dignidade humana ameaçada, sobretudo a dos mais vulneráveis, como os indígenas, os negros, os camponeses sem terra, os moradores das periferias, as mulheres, os jovens e as crianças, que não só tomaram esses grupos como objeto de uma ação eclesial e social, mas como sujeitos, dando-lhes a palavra; 3) os movimentos de educação popular, criados pela Igreja, que, junto com as pastorais sociais, formaram verdadeiros sujeitos que “tomavam a palavra” e contribuíram para mudanças importantes na região; 4) a teologia da libertação, feita à luz da opção pelos pobres, que fecundou toda a Igreja, ao recordar-lhe a centralidade do pobre no agir e pensar eclesial; 5) o testemunho dos mártires, mortos por causa da radicalidade de sua “tomada da palavra” e ação pela justiça; 6) a consciência eclesial que se criou enquanto “Igreja-fonte”, que “toma a palavra”, e não como uma “Igreja-reflexo”.<sup>82</sup>

Da mesma forma que a “tomada da palavra” de Maio de 68 perdeu sua força contestatária, sendo “enquadrada” pelo sistema, algo parecido ocorreu na Igreja, já com Paulo VI, na *Humanae vitae*, e, sobretudo, a partir de João Paulo II e do reenquadramento dogmático e disciplinar que ele impôs ao conjunto da Igreja em geral, e à igreja da América Latina, em particular. Isso se deu através de sua política de nomeação de bispos, da intervenção

<sup>80</sup> DM, Sacerdotes, 30; Religiosos, 9; Formação do clero, 4.

<sup>81</sup> DM, A pobreza da Igreja, 10.

<sup>82</sup> LIMA VAZ, H. C., Igreja-reflexo Vs. Igreja-fonte, p. 17-22.

na Conferência de Religiosos da América Latina (CLAR), do apoio dado às novas lideranças que assumiram o CELAM, mais afinadas a uma eclesiologia pré-conciliar, e o incentivo aos movimentos eclesiais internacionais. Tudo isso ocorreu num período de grandes mudanças sociais, políticas, econômicas, ecológicas, culturais, ideológicas e religiosas, que deram origem ao mundo atual, feito de fragmentação e pluralismo, e de uma dinâmica econômica e tecnológica que levou a uma globalização sem precedentes dos mercados e da cultura, mas também a uma crise e “urgência” ecológica sem precedentes. A “tomada da palavra” tem ainda lugar hoje?

Várias “tomadas da palavra” tiveram lugar nos últimos anos, conforme já foi evocado na introdução desse texto: “primavera árabe”, em 2011, “jornadas de junho no Brasil, em 2013”, os “jalecos amarelos”, em 2018, a revolta dos guarda-chuva, as manifestações no Chile e na Bolívia, em 2019, o ativismo ecológico de Greta Thunberg. A palavra tomada em várias dessas manifestações foi, como o mostrou Michel de Certeau para o Maio de 68 francês, “enquadrada”, esvaziada, mas também perseguida, calada, traída ou desqualificada. Certamente, desde 1989, com a queda do Muro de Berlim, o mundo já não vive a polarização do pós-segunda guerra mundial, entre marxismo e capitalismo, baseada em suas “grandes narrativas”, que davam sentido às existências das pessoas e das sociedades, e que subjaziam à revolta dos estudantes em 68. Contudo, o processo de globalização que se seguiu, com a hegemonia da narrativa neoliberal, não fez com que as desigualdades entre ricos e pobres, denunciada com força pelos bispos, em Medellín, fosse reduzida. Pelo contrário, ela parece ter aumentado, criando, como denuncia o Papa Francisco, multidões de “descartados”, vistos pelo sistema apenas como “número”, sem nenhuma dignidade, legados ao esquecimento.

As irrupções da “tomada da palavra” que emergiram nos últimos anos parecem localizadas, sem a mesma força transformadora que tiveram no contexto do Maio de 68. No entanto, cada vez que emergiram deram origem a algo novo, suscitaram esperança para as pessoas e grupos que as protagonizaram, tornando-as “sujeito” ou criando melhores condições para que tivessem sua dignidade humana reconhecida. Em muitos casos, foram apropriadas por certos grupos do sistema hegemônico, como no da “primavera árabe” ou no do Brasil das “jornadas de junho de 2013”, para servir a causas que não eram as que lhes deram origem. Elas são uma motivação para a redescoberta da política, embora a política profissional busque sempre enquadrá-las.

Do ponto de vista teológico, pode-se dizer sobre a palavra o mesmo que na filosofia da linguagem: ela tem o poder criador e transformador, ela é performativa, servindo para nomear, ferir, acalantar, interpelar, motivar, abrir ou fechar caminhos. Na Igreja latino-americana, seu reenquadramento, após ter ecoado em Medellín, fez com que o poder de convocação, denúncia, profetismo, esperança de um novo modo de ser Igreja que ela suscitou, fosse “aprisionado”. Isso não levou, porém, a seu total emudecimento ou aniquilamento. Muitas iniciativas continuaram irrompendo no período em que sua força pareceu ter-se esvaziado, somando-se às “tomadas da palavra” de outros grupos. Talvez, em tempos de fragmentação e pluralismo, será somando-se a essas outras “tomadas de palavra” que ela continuará ecoando, enriquecendo-as com a “esperança cristã”, e sendo enriquecida por elas.

## Conclusão

Apesar de sua força revolucionária, a “tomada da palavra”, em Maio de 68 na França, na Igreja latino-americana em Medellín, levou, como observado, a seu enquadramento, tirando-lhe sua potência. Certeau, que se tornou desde então um dos mais lúcidos intérpretes de seu tempo, buscava alternativas para a “retomada da palavra”. Aproximando Maio de 68 da experiência mística, enquanto “revolução do crer”, ele pensava que os movimentos então promovidos não poderiam ser contidos em uma “reforma”, que subordinaria ou integraria o inconformismo sob o argumento de resguardar algumas conquistas ou garantias. Não se pode, observava ele, abdicar do risco de redescobrir o sentido da vida social no cotidiano da existência:

Trabalhadores chegarão a crer que no fundo eles querem somente um aumento dos salários, e os estudantes, uma reforma no ensino? Serão remetidos às palavras já prontas que lhes são propostas, e então “enquadrados” pela lógica do sistema do qual dispõem para contestar uma situação? Eles se arriscam a serem capturados pela palavra que acreditaram libertar. Para defender o que são, eles só têm o uso *novo* que fazem dessas palavras *recebidas* de outros. Essa verdade nova, frágil, que é sua experiência.<sup>83</sup>

<sup>83</sup> CERTEAU, M., La prise de parole et autres écrits, p. 57.

Este novo é instaurador porque ressignifica o antigo, sem o abolir ou negar, mas o transformando em profundidade. A perda é inevitável, mas não há porque temê-la, pois ela transforma a posse em criação. Fiel à espiritualidade inaciana, na qual foi formado, Certeau acreditava ser possível “encontrar a Deus em todas as coisas”. Isso se dava através da descoberta, no vivido do cotidiano, da dignidade do humano e do político, respeitando as especificidades culturais e linguísticas que esse entrelaçamento assumia em cada contexto histórico-cultural. Para ele, Deus estaria lá, sendo este Outro que torna todo bem possível.<sup>84</sup> Algo parecido fizeram os bispos, ao verem na primazia dada à promoção humana, uma tradução fiel do que o Evangelho é chamado a tornar possível na Igreja da América Latina, repensando o sentido da evangelização e as estruturas da Igreja visível à luz dessa primazia.

### Referências bibliográficas

AQUINO JÚNIOR, F., 50 anos de Medellín – 5 anos de Francisco: perspectivas. **Perspectiva Teológica**, v. 50, n. 1, p. 41-58, 2018.

BENTO XVI, PP. A Igreja e o escândalo dos abusos sexuais. **IHU**, Rio Grande do Sul, 12 abr. 2019 (Tradução da versão castelhana publicada em ACI Digital, 11 abr. 2019). Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/588356-o-diagnostico-de-bento-xvi-sobre-a-igreja-e-os-abusos-sexuais>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

BEOZZO, J. O. Medellín: inspiração e raízes. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 58, n. 232, p. 823-850, dez. 1998.

BRIGHENTI, A. O contexto de uma ousadia que continua fazendo caminho: a propósito dos 40 anos de Medellín. **Pistis & Praxis**, v. 1, n. 2, p. 415-434, jul./dez. 2009.

CELAM. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**. Conclusões de Medellín. Petrópolis: Vozes, 1977.

CERTEAU, M. Aspects de la prière. **Christus**, n. 13, p. 132-141, 1957.

<sup>84</sup> “Deus é, ao mesmo tempo, para o homem, o Ser interior à sua prece e o face a face de um diálogo; ele criou o ser e suscita a pessoa. Jesus Cristo, como o testemunham as expressões de todos aqueles que o encontraram, está ao mesmo tempo em nós e diante de nós, em nossa linguagem e fora dela”. CERTEAU, M., Aspects de la prière, p. 141.



CERTEAU, M. **La prise de parole et l'autres écrits politiques**. Paris: Du Seuil, [1968] 1994.

CONCÍLIO VATICANO II. **Compêndio do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1987.

CONGREGAÇÃO GERAL XXXIV. **Constituições e Normas Complementares**. São Paulo: Loyola, 2004.

DOSSE, F. **Michel de Certeau**: le marcheur blessé. Paris: La Découverte, 2002.

GODOY, M.; AQUINO JUNIOR, F. (Orgs.). **50 anos de Medellín**. Revisitando textos e retomando o caminho. São Paulo: Paulinas, 2018.

GUTIERREZ, G. A atualidade de Medellín. In: CELAM. **Conclusões da Conferência de Medellín, 1968**: Trinta anos depois, Medellín é ainda atual? São Paulo: Paulinas, 1998. p. 237-252.

JUDT, T. **Pós-Guerra**: Uma história da Europa desde 1945. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LIBANIO, J. B. **A volta à grande disciplina**. São Paulo: Loyola, 1983.

LIMA VAZ, H. C. Igreja-reflexo Vs. Igreja-fonte. **Cadernos brasileiros**, n. 46, p. 17-22, 1968.

MAGGIORI, R. Un certain De Certeau. **Libération**, 12 set. 2002. Disponível em: <[https://next.liberation.fr/livres/2002/09/12/un-certain-de-certeau\\_415211](https://next.liberation.fr/livres/2002/09/12/un-certain-de-certeau_415211)>. Acesso em: 20 agosto 2019.

MURAD, A. T. Medellín: história, símbolo, atualidade. **Horizonte**, v. 16, n. 50, p. 600-631, mai./ago. 2018.

NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação no final dos anos 60/início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução. **Aberto**, n. 46, p. 49-58, abr./jun. 1990.

PAULO VI, PP. Discurso de abertura. In: CELAM. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**. Conclusões de Medellín. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 9-19.

PAULO VI, PP. **Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II**. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651207\\_epilogo-concilio.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio.html)>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PAULO VI, PP. **Populorum progressio**. São Paulo: Paulinas, 1967.

- PONGE, R. Maio de 1968: a greve geral que abalou a França. **História**, v. 8, n. 1, p. 85-101, jan.-jul. 2008.
- RICKETTS, J. L., Discurso de abertura do Cardeal Juan Landázuri Ricketts. In: CELAM. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**. Conclusões de Medellín. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 21-26.
- SALÉM, T. O “Individualismo Libertário” no Imaginário Social dos Anos 60. **PHYSIS**, v. 1, n. 2, p. 59-75, 1991.
- SUESS, P. Medellín e os sinais dos tempos. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 58, n. 232, p.851-870, dez. 1998.
- THIOLLENT, M. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Tempo Social**, v. 10, n. 2, p. 63-100, out. 1998.
- VILELA, A. B., Discurso de abertura de Dom Avelar Brandão Vilela. In: CELAM. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**. Conclusões de Medellín. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 26-30.
- VILELA, A. B.; RICKETTS, J. L., Apresentação. In: CELAM. **A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio**. Conclusões de Medellín. Petrópolis: Vozes, 1977. p. 7-8.

***Geraldo Luiz De Mori***

Doutor em Teologia pelas Facultés Jesuítas de Paris  
Docente de Teologia Sistemática na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
Belo Horizonte / MG – Brasil  
E-mail: geraldodemori@faculdadejesuita.edu.br

***Virgínia Albuquerque de Castro Buarque***

Doutora em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Docente na Universidade Federal de Ouro Preto  
Ouro Preto / MG – Brasil  
E-mail: virginiacastrobuarque@gmail.com

Recebido em: 24/04/2020

Aprovado em: 21/09/2020